

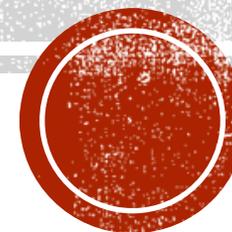
**“A história é algo que não
aconteceu, contado por
quem não estava lá”**

(Millôr Fernandes)



REIS, JOSÉ CARLOS.
ESCOLA DOS ANNALES

A inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000/2004



OS ANNALES: A RENOVACÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E “UTÓPICA” DA HISTÓRIA PELA RECONSTRUÇÃO DO TEMPO HISTÓRICO

- ...a base profunda de um método histórico é uma “representação do tempo histórico” (p. 9)
- Optar por uma ou outra escola histórica não é meramente optar por objetos e técnicas ou obras-historiadores modelos. A justificativa da escolha é mais profunda: opta-se por um registro da temporalidade (p. 10).
- Ao contrário do mito, que é oral e impessoal, a história é escrita e pessoal (p. 12) [cf. Lévi-Strauss, M&S]. C:\Users\Usuario1\Documents\ENSINO\Substituições\2018-1_HM\2019-2\Claude Lévi-Strauss - Mito e Significado.pdf
- É só nessa “representação do tempo histórico” que a realidade dos processos históricos é reconhecível e conhecível, tem sentido e significação”



- O tempo histórico enquanto tal, em si, é uma abstração. Ele só existe em relação a uma época histórica determinada e a uma construção simbólica determinada (p. 14).
- Toda renovação em história, toda “escola histórica” realiza uma mudança profunda na representação do tempo histórico, apoiadas em mudanças ocorridas na história efetiva. (...)
- Esta reconstrução oferece também uma nova visão do futuro, uma reorientação da ação e dos seus valores, isto é, oferece uma utopia. (...) ...uma “nova história” só aparece quando se realiza uma mudança significativa na representação do tempo histórico.



- Heródoto só pôde fundar a história quando se separou do atemporal [mito] e valorizou epistemologicamente as mudanças do sublunar [Física aristotélica] (p. 14).
- A prática da interdisciplinaridade exigiu uma outra representação do tempo dos homens (Braudel, 1969; Burguière, 1979) [p. 15].



- Contra a abordagem teleológica, as ciências sociais preferirão uma “abordagem estrutural” do tempo histórico (Burguière, 1971; Pomiam, 1988; Simiand, 1960) [p. 16].

teleológico

Capaz de relacionar um acontecimento com seu efeito final.

Que diz respeito à teleologia, à ciência que tem a finalidade (causas finais) como essencial na explicação das modificações que ocorrem na realidade.

[] Dicio.com.br



- Seu objetivo é o de controlar a mudança social, tornando-a segura e previsível, gradual e harmoniosa, e evitar as acelerações revolucionárias que quebram as estruturas sociais e nada oferecem (Koselleck, 1990; Lévi-Strauss, 1971 e 1983) [p. 17].



- A perspectiva estrutural das ciências sociais é “grega”, isto é, anti-histórica: recusa a sucessão, o vivido, o evento, o singular, enfim, a mudança, e propõe a simultaneidade, o sistema, o modelo, o formal, a abstração (Lévi-Strauss, 1971 e 1983; Boudon, 1969) [...].
- (...) Sob a influência das ciências sociais, a história, antes, sob a influência metafísica da filosofia e da teologia, estudo exclusivo da sucessão de eventos, da mudança, da assimetria passado/futuro, com um final universal conhecido antecipadamente, será obrigada a incluir em sua representação do tempo a permanência, a simultaneidade (...).



- Mas, mesmo aceitando essa influência das ciências sociais, os Annales mantêm o projeto de Heródoto: “descrever e analisar a mudança” (...).
- Os Annales, e Braudel em particular, construíram o conceito de “longa duração”, que ao mesmo tempo se inspira e se diferencia do conceito de “estrutura social” das ciências sociais. A “longa duração” é a tradução para a linguagem temporal dos historiadores da estrutura atemporal dos sociólogos, linguistas e antropólogos (...).
- Na perspectiva da “longa duração”, o tempo histórico é representado como “dialética da duração” (...).



- Os eventos são inseridos em uma ordem não sucessiva, simultânea (...).
- A relação entre passado, presente e futuro enfraquece-se, isto é, a representação sucessiva do tempo histórico é enquadrada por uma representação simultânea (...).
- As “mudanças humanas” endurecem-se, desaceleram-se (...).
- Tornam-se comparáveis aos movimentos naturais e incorporam as qualidades desses: homogeneidade, reversibilidade, regularidade, medida (Braudel, 1969; Vovelle, 1982; Pomiam, 1988) [p. 18].
- O evento pode até ter repercussões substanciais, mas sem romper com a estrutura que o sustenta e o torna possível (p. 39).



- Sob a influência especulativa da filosofia, a história tornara-se ameaçador: nacionalismo, racismos, imperialismos, etnocentrismos, xenofobias e a guerra era o que emergia e sem nenhum controle, embora se justificassem filosoficamente. Não se poderia mais pensar o tempo histórico de modo teleológico, um tempo utópico, linear, contínuo, irreversível e progressivo em direção à Razão. Era já o momento de se opor à ameaça da destruição planetária por essa concepção metafísica do tempo histórico (p. 20).
- Para os Annales, o homem não é só o sujeito, consciente, livre, potente criador da história; ele é também, e, em maior medida, resultado, objeto, feito pela história [“Gênio”] (...).
- Conceber simultaneidade em história é pensar em sucessão “sem mudança”, em “repetição” (...) Cria-se uma permanência sobre a qual se articulam mudanças mais ou menos lentas (21).



- A ação não terá nenhum compromisso com um futuro utópico, conforme a Razão, mas com um presente utópico, com suas crises e tensões sob controle (...).
- A história tradicional era um “olhar a partir de cima”: psicológica, elitista, biográfica [cf. Bourdieu], qualitativa, visava ao particular, ao individual e ao singular, era legitimadora, partidária, comemorativa, uma narrativa justificadora do poder presente (...)
- Os historiadores dos Annales darão ênfase à região “não acontecimental” da história: o mundo mais durável, mais estruturado, mais resistente à mudança, da vida material econômico-social e da vida mental (p. 22).
- Há fundamentalmente uma recusa da história política, das relações exteriores dos Estados nacionais, suas guerras, seus líderes, seus imperialismos (...)



- A documentação massiva e involuntária é prioritária em relação aos documentos voluntários e oficiais (p. 23).
- Não é possível mais dividir a história em pré-história e história*, baseando-se na inexistência de documentos escritos na pré. O historiador que estuda a difusão de uma cerâmica neolítica, sustenta Febvre, faz história exatamente como aquele que trabalha com uma fonte estatística moderna (Febvre, 1965) [...].
- Essa abertura e ampliação do campo dos objetos, das fontes e técnicas históricas, estão associadas à *inovadora proposta teórica da história-problema*. O historiador não estaria mais submetido à tirania da heurística [ramo da História voltado à pesquisa de fontes e documentos] (...).



- Se para Langlois e Seignobos “sem documentos não há história”, para os Annales, “sem problema não há história”. É o problema e não a documentação que está na origem da pesquisa, isto é, sem um sujeito que pesquisa, sem o historiador que procura respostas para questões bem formuladas, não há documentação e não há história (p. 24).
- Nela [História Problema], o historiador sabe que escolhe seus objetos no passado e os interroga a partir do presente (...).
- ...o historiador “aparece e confessa” seus pressupostos e conceitos, seus problemas e hipóteses, seus documentos e suas técnicas e os modos como as utilizou e, sobretudo, a partir de que lugar social e institucional ele fala [cf. De Certeau] (p. 25).



- Essa nova história reabre constantemente o passado, em vez de reconstruí-lo definitivamente (...).
- A história conduzida por problemas e hipóteses, por construções bem elaboradas e explícitas, representou a mais profunda renovação teórica da história (...).
- O historiador mudou de posição e de disposição: se antes ele era proibido, em tese, de aparecer na pesquisa, o que é uma interdição impossível de ser cumprida, agora, ele é obrigado a “aparecer” e a explicitar a sua estrutura teórica, documental e técnica e o seu lugar social e institucional [cf. De Certeau] (p. 26).



- Há tempos múltiplos, observados nos processos mesmos e reconstruídos pelo historiador (...).
- As sociedades e cada uma delas vivem em ritmos distintos e o seu presente não é centrado, mas uma coexistência tensa de durações múltiplas (...).



- O historiador reconstrói essas durações, coordena-as através do tempo representado, modelos e conceitos (...).
- A pesquisa histórica conduzida por problemas é uma “reconstrução temporal”, que polemiza com o passado-presente, mas não chega a “reconstruí-los” tal como se passaram (...)
- ... Há uma *outra periodização* – ela é agora temática e definida pelo problema a ser tratado. As periodizações demográfica, econômica, social, linguística e antropológica não são grandes cortes da história da humanidade, mas uma flutuação cíclica no interior de uma estrutura (p. 27).
- O historiador não pode ignorar o presente ao qual pertence – deve ter a sensibilidade histórica do seu presente e interrogar o passado a partir dele (p. 28).



- **SOCIEDADES ARCAICAS:** mito, tempo sagrado do ritual;
- **FILOSOFIA GREGA:** desprezo do sublunar caótico; contemplação do cosmos.
- **CRISTIANISMO:** presença de Deus na dispersão dos eventos e na finitude, espera da “salvação” e do retorno à eternidade.
- **ILUMINISTAS (sécs. XVIII-XX):** salvação pelas próprias mãos do homem, rompendo com o passado, construindo a sociedade moral justa e livre, conforme a Razão.
- **ANNALES (utopia):** como toda representação do tempo, a “dialética da duração” dos Annales oferece também uma proteção contra a descontinuidade, contra o desconhecido, contra a finitude, contra a corrupção temporal (p. 29).



- Ela (Europa) está mais atenta e interessada na “multiplicidade dos mundos históricos” (...) [cf. Said].
- A Europa abriu-se à alteridade ao conhecer o seu limite (p. 33).
- A metáfora de Bachelard para esclarecer as relações entre o *conhecimento histórico* e a *utopia no presente* é a música. Segundo ele, as notas musicais são durações sonoras caóticas (...).
- É o pensamento que constitui com elas uma melodia harmoniosa. É ele que corta, recorta e faz um todo rítmico que conforta, consola, oferece repouso (...).
- O historiador dos *Annales* faria o mesmo que um maestro: este correlaciona instrumentos e os faz sustentarem-se reciprocamente e conduzirem-se uns aos outros. Mas, sem ritmo de base ao qual todos se refeririam (pp. 34-35).



- Uma obra de história dos *Annales* é como uma orquestra: uma ilusão de continuidade, uma duração construída com durações vividas múltiplas e divergentes (...).
- A obra de história é como uma ilusão de sentido contínuo (...).
- O objetivo é o mesmo: sair da dispersão, da dissonância, do não sentido, evadir do terror do evento que aparece quando ocorre um som impossível de ser articulado e de se fazer consoar (...).
- Eles [os homens] preferem morar, demorar em sua vida rotineira, pacífica, eterna (...) [cf. Fukumitsu; “mito sobre o fato”].



- A representação do tempo histórico dos Annales como “evasão”, como “utopia”, portanto, teria um triplo aspecto:
- 1) Afetivo: estancamento do fluxo irreversível do tempo; espacialização da mudança;
- 2) Intelectual: reconstruir o passado, problematizando-o à distância e neutramente, para produzir uma intervenção segura que controle o evento desestruturador;
- 3) Filosófica, humana: busca algo como “salvação”, permanência no ser, a Presença, o repouso da consciência, a paz, a eternidade (p. 35).



1900-1929 O DEBATE FUNDADOR DOS ANNALES — HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

- FOUCAULT: “Homem-objeto”; ciências humanas nos interstícios da episteme moderna [1) ciências matemáticas e Física; 2) ciências capazes de estabelecer constantes: Biologia, Economia e Filologia; 3) Filosofia (p. 39).
- POSITIVISMO: consciência epifenomênica (...);
- HISTORICISMO: “ciências do espírito” (discurso da consciência, transcendentalismo kantiano) [...].
- MARXISMO: submete a consciência à infra-estrutura (positivista); sujeito classe-revolucionária (idealista); sujeito ativo (práxis) [42-43].



DURKHEIM

- Senso-comum = vulgaridades que visam a colocar-nos em harmonia com o mundo que nos cerca [doxa, normose, papel da universidade] (...). “O que existe, o que é dado à observação, são sociedades particulares que nascem, desenvolvem-se e morrem independentemente umas das outras” (1901, p. 26) [...].
- A história como realização de uma ideia, a ideia de uma evolução social, onde os indivíduos se sucedem e caminham na mesma direção, não possui qualquer realidade. A realidade social é constituída por fatos sociais, que são “coisas” e devem ser tratados como tal (p. 44).
- Há sempre “seleção” e interesse pela configuração real, singular, da vida cultural e social (p. 47).



WEBER

- ...todo conhecimento da realidade social se dá sempre a partir de pontos de vista particulares. No início de uma pesquisa, há a intuição, a personalidade e os valores do pesquisador, que seleciona, descarta, separa o relevante do irrelevante. Mas a partir desta intuição, o trabalho deve-se elevar à teoria, tornar-se uma construção conceitual e atingir a validade universal [cf. Kourilsky]* (p. 48).
- Diferentemente da perspectiva filosófica, a relação entre conceito e história se inverte: o conceito não é o objetivo, o real em si, mas meio de conhecimento das relações significativas sob pontos de vista singulares (...).
- ...a única forma de vencer a obscuridade retórica e a intuição em história é a elaboração conceitual (p. 50).



SIMIAND

- ...a individuação é o produto do desenvolvimento social mais do que a sociedade o produto do indivíduo [cf. DeNora, Guérios, Elias et al.] (...).
- Se a história quer-se tornar “ciência”, terá que se desviar dos fatos únicos, para se interessar por conjuntos de fatos que se repetem, pela regularidade, pelo social e não pelo individual e acidental (...).
- Fundo cronológico como índice, instrumento de pesquisa (...).
- Em toda ciência, não há constatação que não seja uma escolha, não há observação que não pressuponha uma ideia, não há argumento de fatos que não pressuponha uma hipótese (...).
- Sem ideias e planos organizadores, sem hipótese, não há ciência social (p. 54).



- ...abandonar o “ídolo político” – a preocupação central com a história política e seus eventos contingentes (...) ...uma desenfaturação da esfera política (...)
- ... abandonar o “ídolo individual” para, para se voltar [ao] estudo de fatos sociais, institucionais, repetitivos e não mais biográficos [cf. Bourdieu]; e abandonar o “ídolo cronológico”, que leva o historiador a se perder no estudo das origens, para realizar um caminho retrospectivo, do presente ao passado (p. 55).



BERR

- Sem teoria, não há ciência (...).
- A história deverá observar similitudes, recorrências e não só singularidades. Deverá formular hipóteses, escolher o objeto, realizar a análise e a síntese. Deverá deixar de ser só descritiva para se tornar também explicativa [cf. Laplantine] (p. 57).



VIDAL DE LA BLANCHE

- A geografia vidaliana tratava já de grupos sociais, em uma duração mais longa, que incluía o presente, ligando os fatos estabelecidos a estruturas, comparando-as, cruzando-as, correlacionando-as (...).
- A geografia humana fazia uma anti-história, que se tornou o modelo inspirador de uma “nova história” (p. 61).
- A partir da geografia humana, Febvre, Bloch e Braudel farão uma geo-história, que produziu os frutos mais eminentes da *nouvelle histoire*, onde o tempo dos homens encontrou o atrito do espaço, a resistência do meio geográfico, que os obrigará a se perceberem localizados, limitados, fixados, condicionados por circunstâncias objetivas, que se não os impedem de buscar a realização de seus impulsos, oferece uma resistência suficiente para impedi-los de “decolar” e os mantém firmes em um “chão” (pp. 61-62).



- *História regional* (Febvre) que privilegia o pequeno país ou campo provincial e institui as massas anônimas como heróis da história e se esforça em elucidar as diferenças do tempo [cf. Zinn] (...).
- A história geográfica foi um novo saber do tempo da história, pois, para a história positivista, o espaço não era um problema histórico.
- Nessas novas circunstâncias [perda da hegemonia mundial da Europa], a história só podia se renovar, se quisesse ainda ocupar algum lugar nessa nova paisagem do conhecimento e da história (p. 62).
- O objeto do historiador deveria ser, agora, a vida das massas anônimas, seu processo impessoal de decisão e pressão históricas, suas formas coletivas de produzir a vida e consumi-la (p. 63).



O SURGIMENTO DA “ESCOLA DOS ANNALES” E O SEU “PROGRAMA”

- *Nouvelle Histoire* (Le Roy Ladurie e Furet): história sob influência das ciências sociais, que começou a ser elaborada a partir do debate entre sociólogos, filósofos, geógrafos e historiadores, no início do século XX, e se corporificou na revista de história, *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, fundada em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch (p. 65).
- Rompimento com a tradição:
- abandonou o pressuposto da história produzida pelo sujeito conciente através do Estado-Nação, recusando a história política, radicalizando excessivamente o projeto de Simiand [slide 23];
- abandonou o pressuposto do estudo do singular, do específico, do irrepetível, recusando o “evento”;



O SURGIMENTO DA “ESCOLA DOS ANNALES” E O SEU “PROGRAMA”

- abandonou o pressuposto do fim que justifica todo o passado, o presente e o futuro, recusando a forma narrativa do discurso histórico;
- abandonou o pressuposto do sujeito consciência cívica, de si ou de classe, recusando a ação social prescrita por essas consciências;
- abandonou o pressuposto da história partidária, parcial, a serviço de poderes religiosos e políticos, recusando a ideologização do discurso histórico;
- abandonou o pressuposto do tempo cronológico, linear, irreversível, recusando o evolucionismo progressista;
- abandonou o pressuposto da história conhecimento do passado, recusando a “história-museu” (pp. 66-67).



- Universidade de Estrasburgo (...).
- Interdisciplinaridade (p. 67).
- Febvre: “resenhas assassinas” (p. 69) [ou “resenha demolidora”, na p. 89].
- Estrutura mental (conceito inexistente de ateísmo no século XVI) [ver também Elias, conceito de compositor autônomo no século XVIII].
- Seu (Febvre) objetivo é a reconstrução do sistema de expressões, dos sentimentos, a estrutura das condições de existência materiais, a estrutura do pensamento, em suas relações recíprocas (...).
- Essa ida da parte ao todo e do todo à parte exige a construção de hipóteses que estabeleçam as condições possíveis e a natureza dessas correlações (p. 70).



- O estudo dessas relações sincrônicas e sucessivas só se poderia fazer a partir da colocação de problemas e da construção de hipóteses e não de uma narrativa que organize os eventos a partir de um epílogo pré-dado (...).
- O historiador está imerso em um mundo que põe problemas específicos dele, mas que o historiador lança ao passado e procura ver se esses problemas postos pelo presente existiram no passado e, se existiram, como foram vividos (Ariès, 1986) [p. 71].
- ...sentimento de estranheza em relação à diferença entre o passado e o presente, que só poderia ser superada pela “revivência” da experiência passada, pela “reconstituição” do conjunto coerente de uma época (p. 72).



5 TESES INOVADORAS (FEBVRE)

- 1) **História-Problema:** ...vem reconhecer a impossibilidade de narrar os fatos históricos “tal como se passaram”. Por ela, o historiador sabe que escolhe seus objetos no passado e que os interroga a partir do presente. Ele explicita a sua elaboração conceitual [WIORA, 1965; WISNIK, 1989; COOK, 1998], pois não pretende se “apagar” na pesquisa, em nome da objetividade (...).
- Ao contrário, exatamente para ser mais objetivo, o historiador “aparece e confessa” seus pressupostos e conceitos, seus problemas e hipóteses, seus documentos e suas técnicas e as formas como as utilizou e, sobretudo, a partir de que lugar social e institucional ele fala (De Certeau, 1974, p. 4 e ss) [...].
- O historiador escolhe, seleciona, interroga, conceitua, analisa, sintetiza, conclui. Ele reconhece que não há história sem teoria (p. 74).



- “A história ‘cientificamente conduzida’ realiza as duas operações que se encontram na base de todo trabalho científico: formular problemas e construir hipóteses” (Febvre, 1965, p. 22) [...].
- Mesmo na discordância dos pontos de vista e dos resultados das pesquisas, é possível o diálogo entre pesquisadores, pois cada um sabe o que o outro pretendia e o que ele conseguiu e o que ele deveria fazer para conseguir o que queria ou o que impediu que, mesmo atingido seu objetivo, seus resultados fossem divergentes do de outras pesquisas (pp. 75-76).
- 2) **O fato histórico como “construção”**: ...o passado e o fato histórico “dados” não engendram o historiador e a história, mas é o historiador em seu presente que reabre o passado e constrói os dados necessários, a partir dos documentos, à prova de suas hipóteses, que responderiam aos problemas postos, ligados à sua experiência do presente (Febvre, 1965, p. 57) [...].



- Os ditos positivistas têm um respeito supersticioso do fato, alimentam um tipo de fetichismo do fato, mas estes são construídos sempre, mesmo se eles não se dão conta. Mas na “nova história”, essa construção do fato pelo historiador é admitida explicitamente, o que faz com que não sejam construídos implicitamente, inocentemente [cf. Cook, 1998, sobre Teoria Crítica, “the way the things are” ...] (...).
- Aqui, a realidade histórica é apreendida pelas formas do espírito, não através de *a priori* inverificáveis, incomunicáveis, intuitivos, mas através de problemas hipóteses, através de conceitos, que devem ser verificados pela documentação rigorosamente criticada (pp. 76-77).
- ...ao pretenderem produzir a impossível “paisagem total” da realidade histórica exterior, eles [os positivistas] cometiam outro erro: privilegiavam a história política e os documentos oficiais, textos formais, timbrados e assinados, em geral, manipulados pelo seu produtor (...).



- 3) **O novo conceito de “fonte histórica”**: O historiador não pode se resignar diante de lacunas na informação e deve procurar preenche-las (...).
- Para isto, usará os documentos não só de arquivos, mas também um poema, um quadro, um drama, estatísticas, materiais arqueológicos [cf. Caldeira, 2017] (...).
- O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo (p. 77).

- 4) **“História-total ou global”**: ...uma abordagem holística de uma sociedade [cf. Cook in *Ictus*] (p. 78).



- Não é necessário que dois historiadores que abordem um mesmo assunto cheguem a resultados comuns – é indispensável que o diálogo objetivo, racional e documentado possa se dar entre os dois, de tal forma que ambo compreendam onde se separam, por que se separam e como chegaram a resultados diferentes (...).
- Se há resultados diferentes, é porque houve problematização diferente, hipóteses diferentes, uso diferente da documentação, mesmo que tenha sido a mesma (...).
- ...se essa diferença pode ser comunicada, se é racional, torna-se “conhecimento” [cf. Esperidião, “conhecimento líquido”] (p. 79).



- **5) A interdisciplinaridade:** A história uniu-se às ciências sociais: ela constrói seu objeto, põe problemas e levanta hipóteses, usa conceitos e técnicas das ciências sociais, na perspectiva das “durações” * (Febvre, 1965, p. 14) [p. 81].
- ...”mais do que um discurso sobre o sentido da história, a prática histórica se quer doravante um diagnóstico, até mesmo um prognóstico sobre a história, mas não uma terapêutica” (...) [...].
- “Tramou-se uma revolução de ordem metodológica (...), aparecia uma história experimental” (Ferro, 1985, pp. 37-39) [...].



AS PROPOSTAS DE BLOCH, O OBJETO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO E A SUA TEMPORALIDADE

- ...a história não pensa somente o “humano”, ela o pensa na “duração” (...).
- O tempo da história (...) é o plasma em que se banham os fenômenos e o lugar de sua inteligibilidade (Bloch, 1974, p. 37) [...].
- ...a *nouvelle histoire* tratará prioritariamente dos fenômenos “econômico-sociais” (...).
- ...reunião da diversidade factual sob a unidade do conceito (p. 83).
- Os eventos interessam não por sua singularidade, mas enquanto elementos de uma série, enquanto revelam um fundo mais duradouro de tendências conjunturais e estruturais (...).



- Instância Política = epifenomênica (p. 84).
- Os homens na perspectiva da duração (pp. 84-85).



O “MÉTODO RETROSPECTIVO”: A DIALÉTICA PRESENTE/PASSADO

- O presente guarda uma certa autonomia e não se deixa explicar inteiramente pela sua origem (p. 85).
- O passado não é compreensível se não se vai até ele com uma problematização suscitada pelo presente (...).
- A história, enquanto ciência dos homens no tempo, “une o estudo dos mortos ao dos vivos” (...).
- Evita-se, assim, a vinda mecânica do atrás para a frente e evita-se também a busca das origens, que leva a uma retrospecção infinita, que exclui definitivamente o presente da perspectiva do historiador (p. 86).



A METÁFORA DO MAR

- ...a história só poderia ser compreendida a partir de sua “profundidade”, assim como o mar não é compreendido pelas suas ondas espumosas, mas pelas suas regiões profundas que as sustentam (p. 88).
- Projeto dos *Annales* era tanto epistemológico quanto institucional (p. 89).



AS DIVERSAS FASES DA “ESCOLA DOS ANNALES”: CONTINUIDADE OU DESCONTINUIDADE?

- 1 – 1900-1920: crise da consciência histórica; crítica ao método alemão; diversos projetos de renovação histórica (...).
- 2 – 1920-1946: fundação da revista *Annales d'Histoire Economique et Sociale*; combate contra a história tradicional visando a ocupações das instituições de ensino, pesquisa, administração e publicação de história, na França (...).



AS DIVERSAS FASES DA “ESCOLA DOS ANNALES”: CONTINUIDADE OU DESCONTINUIDADE?

- 3 – 1946-1968: explosão criadora, expansão institucional. Os *Annales* entraram em uma fase de consolidação quase burocrática (...).
- 4 – 1968-1988 (?): sob influência do movimento estudantil de 1968, que obrigou a revisões da orientação da revista e na reorganização institucional. Braudel não terá mais a direção solitária da revista, passando a compartilhá-la com outros representantes da “escola”. Em 1975, a 6ª Seção da EPHE (*École Pratique de Hautes Études*) foi promovida ao status de universidade, podendo oferecer seminários e conceder diplomas, sob o novo título de *École des Hautes Études em Sciences Sociales* – EHESS (Stoianovitch, 1976, pp. 41 e ss) [p. 92].

